



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NILZA MARIA PINTO BINOTTO

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-237

Entrevistado: NILZA MARIA PINTO BINOTTO

Nascimento: 20/03/1938

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Porto Alegre - RS.

Entrevistador/a: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 07/03/2012

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 54 minutos e 31 segundos

Páginas Digitadas: 8

Observações: Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Folclore e Espetáculo na Dança em Porto Alegre: a formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos” (1959 a 1966)*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Família de Nilza Binotto; envolvimento com a dança; profissão; formação; formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”; pessoas que participaram e apoiaram o grupo; repertórios; funcionamento do grupo; fatos interessantes.

Porto Alegre, 07 de março de 2012. Entrevista com Nilza Maria Pinto Binotto, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Nome completo?

N.B. – Nilza Maria Pinto Binotto, Pinto de Solteira, Binotto de casada.

C.M. – Data de nascimento?

N.B. – 20 de março de 1938.

C.M. – Local de nascimento?

N.B. – Bom Jesus¹, alto da serra.

C.M. – Fale sobre sua família, seus pais, se teve filhos.

N.B. – Meu pai² era de Vacaria³ e minha mãe⁴ de Bom Jesus. Cinco irmãos, todos nascidos em Bom Jesus, três mulheres e dois homens. Meu pai trabalhador, entrou na política. Foi prefeito de Bom Jesus, deputado duas vezes, Diretor da Caixa Econômica Estadual⁵. Viemos para Porto Alegre porque ele foi eleito deputado. Ficamos aqui um ano, fomos para Vacaria, pois ele foi eleito prefeito. Depois foi eleito deputado novamente e voltamos para Porto Alegre, foi um vai e vem. A Nilva, minha irmã, já morava em Porto Alegre, pois tinha que estudar, e no interior não tinha segundo grau. Ela sempre adorou dança, sempre foi dedicada a isso, aqui entrou na escola balé. Eu continuava no interior porque era um pouco mais moça e estudava no ginásio naquela época. Quando nos mudamos para Porto Alegre continuei o estudo e ela disse: “Vamos fazer umas aulas de balé”, e eu fui

¹ Cidade da região serrana do estado do Rio Grande do Sul.

² Porcínio Borges Pinto.

³ Cidade da região norte do estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Maria Olívia Dutra Pinto.

⁵ Instituição Bancária. Na época citada pertencia ao governo do estado do Rio Grande do Sul. Desde 1998 foi incorporada ao Banco Banrisul.

fazer aula de Balé na Escola da Dona Lya⁶. Casei, não tive filhos. Quando comecei no Conjunto⁷, era lá no centro, na Sociedade Clube Espanhol⁸, ficamos lá por algum tempo. Era na rua paralela à Rua da Praia⁹. A Dona Marina Cortinas Lampros¹⁰ formou este Conjunto, porque a Amélia fazia parte da Mesa Redonda Panamericana¹¹, pois era filha de pai espanhol. Ela era pintora, a família toda era artista. Ela fala espanhol perfeitamente, tem parentes na Argentina e frequentava a Mesa Panamericana onde conheceu a Dona Marina, que falou para ela do desejo de criar um grupo aqui, pois ela tinha um grupo de folclore lá no Uruguai. Foi a Dona Marina que nos ensinou as músicas e as danças uruguaias e argentinas, como zamba, chacarera, entre outras. Depois de lá, eu lembro que nós fomos para a Escola de Dança da professora Tony Petzhold¹², na Rua Cristóvão Colombo¹³. Durante uma reunião, foi decidido o nome “Os Gaúchos”, ideia do Antônio Augusto Fagundes¹⁴. Já estávamos com músicos próprios. O primeiro espetáculo em Porto Alegre foi no Belas Artes¹⁵, na Rua Senhor dos Passos. Apenas cinco pessoas no auditório, pois ninguém conhecia o Conjunto. Dona Marina formou o grupo e nos levou ao Uruguai em um verão e ficamos lá um mês, numa pensão em Pocitos¹⁶. Era tudo brincadeira e alegria. Os músicos eram “Os Carreiros”, mas eles eram profissionais e logo depois saíram e nós tivemos que formar um novo conjunto musical. Convidamos aqui e ali. Eu

⁶ Professora Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz, mais conhecida como Lya Bastian Meyer, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1911.

⁷ Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”, Grupo autônomo, com sede em Porto Alegre, fundado em 1959.

⁸ Clube social e restaurante, localizado na Rua General Andrade Neves, n. 85, Porto Alegre – RS.

⁹ Rua no Centro de Porto Alegre, o nome oficial é Rua dos Andradas. Popularmente conhecida como Rua da Praia pois corria a margem do Rio Guaíba, que banha a cidade, antes da existência dos aterros que afastaram o rio desta via.

¹⁰ Professora folclorista e pianista uruguaia fundadora do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

¹¹ A Mesa Redonda Pan-Americana de Mulheres é um movimento que foi fundado em 1916, na cidade de Santo Antônio no Texas-EUA, inspirado nos ideais de paz, união, liberdade e justiça, de acordo com as diretrizes do Libertador da América: Simão Bolívar. (Fonte: <http://assessoriainternacional1.blogspot.com/2010/09/mesa-redonda-pan-americana-de-mulheres.html>).

¹² Antonia Seitz Petzhold, mais conhecida como Tony Petzhold, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1914.

¹³ Rua da cidade de Porto Alegre - RS.

¹⁴ Antônio Augusto da Silva Fagundes, advogado, jornalista, apresentador de televisão e folclorista, nascido em 1934, na cidade de Inhanduí - RS.

¹⁵ O Instituto de Belas Artes foi criado em 1908, pelo estado do Rio Grande do Sul. Em 1934 se ligou a Universidade de Porto Alegre e depois em 1962 se integrou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Pocitos é um bairro de classe média-alta da cidade de Montevidéu.

não sei, era tudo com ela, enquanto ela estava. Começou o violão, gaita e daí passou uma enormidade de gente. Pois eles não podiam ficar. Agente começou a viajar e a coisa começou a complicar para as pessoas que trabalhavam. Eu ainda não trabalhava, mas logo comecei a trabalhar no Estado e para viajar era mais difícil conseguir licença. Fomos a Brasília, São Paulo e interior do Estado. Exterior mesmo foi Argentina e Uruguai. E na Argentina, nesses festivais que tinha outros países como Paraguai, Panamá, eu me lembro que a Amélia levantava a roupa das mulheres porque ela desenhava, e tinha que saber como era. Ali começaram a surgir as estampas do Chile, do Paraguai, do Panamá. A Amélia desenhava, os guris aprendiam os passos com os rapazes dos outros países e nós pegávamos as meninas para nos ensinar as danças. Já não estava mais a Dona Marina e a Nilva começou a assumir a parte da coreografia do Conjunto e a montar outras estampas. E o Conjunto de Folclore Internacional se fortaleceu.

C.M. – Esta Mesa Panamericana era tipo uma associação de mulheres? O que era?

N.B. – É. Por exemplo, a Argentina, quem é interessado ou o próprio argentino que venha aqui, eles fazem reuniões e discutem os assuntos do país, intercâmbios, de cada país, se não tem alguém os próprios brasileiros que são interessados que falam o idioma, podem integrar a mesa. A Amélia era representante da Argentina. Formaram esta mesa redonda para discutir sobre problemas, sobre tudo.

C.M. – E sempre tinham reuniões?

N.B. – Sim, agora de quanto em quanto tempo eu não sei, a Amélia que pode te dizer. Porque ela que fazia parte. Ela que conheceu a Dona Marina.

C.M. – Como você se envolveu com a dança?

N.B. – A minha irmã a Nilva, tirou o curso de balé¹⁷, tem diploma, ela fazia aulas na escola da Dona Lya Bastian Meyer, na época era a Dona Lya e a Dona Tony. E a Nilva disse “Vamos fazer” e daí eu comecei a fazer aula. Dancei em espetáculo no Theatro São

¹⁷ Escola Oficial de Danças de Porto Alegre dirigida por Lya Bastian Meyer.

Pedro¹⁸, mas ela é quem dançava, eu era figurante (risos). E depois quando eu comecei com o Conjunto, eu larguei o Balé, aí só folclore. Não deu mais. A Nilva também já tinha terminado o curso. Porque também a Dona Lya se retirou, a Nilva e a Ilse Simon¹⁹ ainda ficaram um pouco, mas logo em seguida começou o Conjunto e ela não pode mais, porque ela também estava trabalhando. Depois disso só dancei no Conjunto de Folclore.

C.M. – O que você lembra dos festivais.

N.B. – Ah! Os festivais eram uma maravilha. Este de Buenos Aires e o Festival de Rio Hondo, agente viajou a noite inteira de trem. Agente viajava, aquilo era uma maravilha. Todos jovens. Agente fazia contatos com outros países. Tinha Uruguai, Paraguai, Chile, Panamá, a própria Argentina era muitos países. Nós sempre representando o Brasil. Eram muito bons. Eles nos davam hotel, tudo de graça. Agente dançava, no último nós começamos a dançar esta dança de terreiro, afro e o pessoal fazia fila para ganhar passe. Achavam que era de verdade. Nós nos divertíamos. Os guris namoravam que era uma maravilha. As gurias todas em cima, porque eles eram muito bonitos, o Cláudio Lazzarotto, o Jorge também era muito bonito. O Nico²⁰ ia com a esposa, sempre. Houve casamentos dentro do Conjunto.

C.M. – Que casamentos?

N.B. – Naquela época casou o violão com a gaita, o Rubem Dario e a Lea Von Poser. Agora moram no interior, nunca mais os vi. Namoros, a Nilva namorou com o Jorge, eu no Conjunto não, mas nas viagens eu namorava. Namorei o jornalista²¹ do Jornal La Razón de Buenos Aires. Ele veio a Porto Alegre queria casar, fui a Mar del Prata. Tudo numa boa. Todas virgens, mas passeávamos bastante, ríamos. Era muito bom. Amizade ali reinava.

C.M. – E dava certo esta convivência das bailarinas com os dançarinos de CTGs²²?

¹⁸ Fundado em Porto Alegre no ano de 1858 é administrado pelo governo do Estado.

¹⁹ Ilse Alice Simon, bailarina.

²⁰ Apelido de Antônio Augusto da Silva Fagundes.

²¹ Luis Arturo Gomez.

²² Centros de Tradições Gaúchas.

N.B. – Sim, depois nós começamos a nos entrosar. No início eram dois universos, eles lá, nós aqui. Nós bailarinas e eles de CTG. Depois veio uma moça que também era de CTG, porque naquela época o Claudio Lazzarotto era do CTG da Varig²³, e veio a Juracy, deste CTG.

C.M. – A Juracy ninguém lembra dela.

N.B. – Esta nós nunca conseguimos encontrar.

C.M. – Ela foi da primeira formação?

N.B. – Sim. Juracy, a Amélia, a Cecília, a Nilva e eu. A Nilva tenta entrar em contato, procura de todas as maneiras para os aniversários e não acha. Sumiu. Mas ela foi das primeiras. Depois o Jorge, o Claudio, o Juarez, o Ery. O Carlinhos veio um pouquinho depois.

C.M. – Está faltando um homem.

N.B. – Eu acho que era o Nico, mas a Nilva diz que não.

C.M. – Tem um nome de outro homem.

N.B. – Eu sei que eu dançava com o Claudio. Depois com o Nico, depois com o Carlinhos. Mas mudava, conforme as danças, conforme o tipo, mudava. Não era fixo.

C.M. – E como é que vocês faziam para conseguir dinheiro? Nos festivais eles pagavam?

N.B. – Aqui o Estado nos dava as passagens.

C.M. – Era o Brizolla²⁴ na época?

²³ CTG Pagos da Saudade.

²⁴ Leonel de Moura Brizolla, Governador do Rio Grande do Sul entre março de 1959 e março de 1963.

N.B. – Era o Brizola, ele nos deu as passagens de avião para ir a um Festival em Buenos Aires. Este que nós tiramos o terceiro lugar, porque os outros não era por colocação, só este em Buenos Aires que era uma competição. Eles lá nos davam a hospedagem.

C.M. – E para Brasília?

N.B. – Tudo o Governo Federal. Tudo. Hotel de primeira. Era o Hotel Nacional, acho que era o único hotel que tinha. Fomos em 1961 e 1962.

C.M. – E para fazer as roupas?

N.B. – Nós é que fazíamos. A Amélia desenhava. Era tudo do nosso bolso. Nós bordávamos, nós costurávamos. Agora não, agora eles são ricos (risos). Era mais por amor a arte. Agente não cobrava nada. Os guris diziam: “tem comida?” e nós íamos. Algumas vezes nós pagávamos tudo, outras vezes eles nos davam para ir dançar em tal lugar.

C.M. – Tem algumas reportagens sobre apoio da Seção da Prefeitura, como era este apoio?

N.B. – Provavelmente não era dinheiro, eles nunca nos deram dinheiro, era condução, eles davam o lugar para fazer apresentações, ou para deixar os materiais, porque começou a crescer muito. Os vestidos a gente guardava em casa, mas começou a não ter lugar. Cada um levava sua mala com as coisas que tínhamos em casa. Mas à medida que foi crescendo não tinha mais como deixar em casa. A Nilva começou a fazer novas estampas e ia muita roupa. E a Prefeitura entrou com isso, eles davam o lugar e o Conjunto dança de graça onde eles dizem que é para dançar. Como é até hoje. Prefeitura ajudava neste sentido mas nunca monetariamente.

C.M. – E seu pai, por ser deputado, ele conseguiu ajudar o Conjunto em alguma coisa?

N.B. – Não, meu pai me ajudou na escola. Quando eu comecei a trabalhar na escola. Os móveis velhos que tinha da Caixa Econômica Estadual, pois ele não era mais deputado, eles tinham móveis enormes que eram dispensados, eu levei duas mesinhas para a minha escola. Porque escola do Estado é pobre. Não sei como está hoje, só sei que eu não

trabalharia mais, de jeito nenhum. Deve estar pior. Uma vez ele ajudou no sentido de conseguir hotel para um grupo peruano que veio dançar aqui num festival nosso. Para nós mesmo não, porque ficava chato, todo mundo ia dizer “ajudaram as filhas do deputado”, nunca pedimos nada. Íamos direto ao Governador.

C.M. – O Ery foi diretor do grupo não é?

N.B. – Sim, ele foi.

C.M. – Quando a Marina foi embora ele que assumiu?

N.B. – Ele que assumiu. Ele era o mais velho, o casal mais velho. Eles eram de CTG. Ele assumiu, mas quem já começou a lidar com as coreografias foi a minha irmã. Porque ela era mais ligada a dança, fazia balé, junto com a Amélia. A Amélia pesquisava o país quando agente ia lançar alguma estampa. Mas o Ery que era o diretor.

C.M. – A Nilva teve alguma eleição? Como ela virou diretora?

N.B. – O grupo. Naquela época agente sentava e conversava. Mas coreógrafa, nunca diretora. Só diretora artística, coreografia era tudo com ela. Ela lidava com a coreografia, o Ery foi diretor, o Nico foi diretor, o Godinho foi diretor, agora o Azambuja. Era bem definido.

C.M. – O que estes diretores faziam?

N.B. – Contatos. Tudo relacionado com o grupo tinha que falar com eles. Para fazer um show quem decidia eram eles. Eles que negociavam o que era oferecido e onde seriam as apresentações. Então dentro do grupo agente se reunia e conversávamos.

C.M. – Você fez mais alguma função no grupo além de dançarina?

N.B. – Não. Só dançarina.

C.M. – Quando e por que saiu?

N.B. – Eu me formei na Faculdade e fui um ano para Londres estudar. Quando voltei me casei. Aí não dava mais e eu saí. Era muita função. Mas sempre acompanho o trabalho da minha irmã que é incrível. É dedicada mesmo. Esta daí nasceu para fazer isso. Tanto no Anchieta²⁵, que tu sabes que ela está há 45 anos no Anchieta e no Conjunto desde o início. Eu não, foi só aquela época inicial, quando começou a apertar a minha vida particular, eu preferi sair do que atrapalhar. Eu não podia sair, não podia viajar. Fui parando, quando fui para Londres eu parei. Lembro que meu último espetáculo foi no Leopoldina Juvenil²⁶, foi lá no clube, em um jantar. Mas foram muitas histórias dentro do Conjunto, muitos romances e continua, já casaram uns quantos.

C.M. – O que você lembra da vida cultural de Porto Alegre naquela época?

N.B. – Era menos movimentada. Porto Alegre estava começando. A gente tinha teatros mas não era como hoje. Eram mais teatros de fora. Eu lembro que tinha temporadas no Theatro São Pedro da Tônia Carrero com o Paulo Autran. Assisti todas as peças, cada noite era uma peça. Eram mais focadas no Theatro São Pedro. Não havia estes teatros pequenos, depois que surgiu o Araújo Viana. Até teve uma época que agente ensaiou ali. Mas era bem diferente. Era muitos CTGs, tinham muitas festas gauchescas. Começava a surgir a vida noturna, que agente chamava de boates, discotecas. Nós só podíamos ir se estivéssemos acompanhadas e nós íamos com os meninos do Conjunto. Porque tu eras mal vista se fosse numa boate sozinha. Eu lembro que tinha uma na Lucas de Oliveira. Mas era muito bom. Nós éramos considerados para frente, nós frequentávamos tudo: teatro, muita dança com a Dona Lya, ópera, tinha muita ópera. Hoje quase não tem, é muito caro. A gente foi agora na Opera Carmem, mas era da PUC²⁷ o Coral todo. Mas antes vinha tudo de fora e era tudo no Theatro São Pedro. E o Balé da Dona Lya fazia a parte de dança. Eu me lembro, fizemos o brinde da Traviata. Agente que dançava esta parte aí, porque eles pegavam as escolas do lugar. Então a vida cultural mesmo era bem menos ativa do que é hoje.

²⁵ Colégio Anchieta, instituição de ensino básico regular, fundado em 1890 em Porto Alegre.

²⁶ Associação Leopoldina Juvenil

C.M. – E o Conjunto foi aceito?

N.B. – Falavam muito que nós estávamos deturpando o folclore gauchesco. Nós tínhamos que explicar que não era CTG, que nós éramos um grupo a parte. Que não precisávamos levar as coisas como manda o figurino, as danças gauchescas, pois nós não éramos CTG. Dançávamos as danças gauchescas mas fazíamos evoluções. Depois todos os CTGs começaram a copiar. O Malambo, ninguém dançava, só os nossos meninos, de repente começou a se propagar, foi o Conjunto de Folclore Internacional que começou. Eles começaram também a aderir. Até o Sr. Paixão²⁸ fica louco da vida quando eles fazem isso.

C.M. – E o pessoal do balé?

N.B. – Esses não falavam nada, porque não tinha nada a ver. Nós não dançávamos balé. E a Nilva já tinha terminado o curso e eu fui sem muita expressão no balé. O Balé não interferiu. Ela nunca perdeu o vínculo. E o pessoal do balé sempre vai assistir tanto do Show Musical Anchieta²⁹, quanto do Conjunto. Não tivemos nenhuma crítica do Balé, tivemos críticas dos folcloristas que achavam que era um CTG, pois agente começou dançando só musica gaúcha e com a Dona Marina alguma coisa da Argentina e Uruguai. A Dona Marina começou nos ensinando danças do Uruguai e da Argentina, mas quando nós começamos a sair nós tínhamos que levar as nossas danças. Nos festivais nos fomos aprendendo danças de outros países e também com muita pesquisa. Amélia pesquisava muito e assim foi evoluindo.

C.M. – Era isso então.

N.B. – A lembrança é muito boa do Conjunto, os amigos que fiz lá. Cada um que morre eu sinto muito, é uma parte de mim que se vai. Vivo ainda o trabalho da minha irmã, até hoje que é muito dedicada. É corpo e alma para o Conjunto. Ela sempre foi assim, desde criança lá em Bom Jesus ela fazia espetáculo com roupa de papel crepom.

C.M. – E tem alguma história engraçada, algo que queira registrar?

²⁷ Pontifícia Universidade Católica.

²⁸ João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, folclorista e advogado, nascido em 1927, na cidade de Santana do Livramento – RS.

²⁹ Grupo ligado ao Colégio Anchieta, instituição de ensino particular, localizada em Porto Alegre.

N.B. – Muitas.

C.M. – Conta a história sobre o Presidente do Peru.

N.B. – Nós ficamos encantados, porque nós ficávamos ali para entrar em cena e vinha mordomo com luvas e nos servia. Nós nos olhávamos. Fomos muito aplaudidos sempre. Brasília foi um encanto, estava recém inaugurando. Foi a primeira vez que eu conheci o Rio de Janeiro. Nós fizemos uma escala no Rio. O mais engraçado é que nós só dançávamos o gaúcho. Então nós levávamos dois tipos de vestido. Um vestido liso e outro floreado. Fizemos escala no Rio de Janeiro, e ao chegarmos em Brasília, “cadê as nossas malas?” A minha e a da Nilva. Nós ficamos sem nada, nada em Brasília. Como nós tínhamos levado dois vestidos cada guria, a Nilva colocou uma com o vestido liso e outra com o floreado. Nós apresentamos com os dois vestidos. Tivemos que pegar tudo das gurias, comprar escova de dente, creme, etc. Tudo ficou no aeroporto e não dava tempo de chegar para a apresentação. Foi assim que nós conseguimos dançar. Porque de outra forma não teríamos roupa. E tudo era uma festa. Pensa que agente fazia drama? Nada, era tudo uma festa. Conhecemos uns mexicanos, passávamos as noites bebendo tequila, rindo, cantando, brincando. Fizemos muitos amigos nessas viagens. Só na volta que pegamos as malas no Rio. Descemos pegamos um taxi e fomos conhecer Copacabana. Fiquei deslumbrada. As minhas primeiras viagens que fiz foi com o Conjunto. Tudo por nossa conta. Não a viagem em si mas comida, estas coisas. Agente levava um dinheirinho. E no Uruguai, a vez que a Dona Marina nos levou, foi a primeira viagem, tinha uns que não tinham dinheiro, daí a Nilva e eu fomos jogar no cassino e ganhamos dinheiro, agente dava comida para os outros (risos). Nós já passamos por tudo. Tinha dois ou três guris que não tinham dinheiro. E aí nós ajudávamos, um ajudava o outro. E nós, graças a Deus, tínhamos um pouquinho mais. E são coisas que se eu for te contar você fica aqui três dias e não sai, de tantos acontecimentos (risos). Muita coisa boa.

C.M. – Então era isso. Muito Obrigada.